



O SOBRENATURAL EM A MISSA DAS SOMBRAS (1892)

DOI: 10.48075/ri.v25i1.29811

Sheron Keissili dos Santos Tsuchiya¹

RESUMO: Este ensaio visa identificar e analisar os elementos sobrenaturais presentes no conto *A missa das sombras – La Messe des Ombres (1892)*, de Anatole France. Os fatos se desdobram em torno de um anel que simboliza o amor entre duas pessoas, um sentimento que transcende a vida e se consuma de maneira intrigante, conferindo um desfecho misterioso ao conto e à história do casal. As bases teóricas substanciais são de Selma Calasans Rodrigues em sua obra *O fantástico (1988)* e de Tzvetan Todorov em sua obra *Introdução à literatura fantástica (1975)*. Este trabalho apresenta, de forma elucidativa, o arranjo desses elementos sobrenaturais, além do simbolismo representado pelo anel, que é marcado pelo amor e pelo mistério.

Palavras-chave: *A missa das sombras*; sobrenatural; literatura fantástica.

THE SUPERNATURAL IN THE MASS OF SHADOWS (1892)

ABSTRACT: This essay aims to identify and analyze the supernatural elements present in the short story *The mass of shadows – La Messe des Ombres (1892)*, by Anatole France. The facts unfold around a ring that symbolizes the love between two people, a feeling that transcends life and is consumed in an intriguing way, giving a mysterious ending to the tale and the couple's story. Substantial theoretical bases are from Selma Calasans Rodrigues in her work *The fantastic (1988)*, and of Tzvetan Todorov in his work *Introduction to fantastic literature (1975)*. This work presents, in an elucidative way, the arrangement of these supernatural elements, in addition to the symbolism represented by this ring, which is marked by love and mystery.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá-UEM/Maringá; Graduada em Letras Português/Inglês e Literaturas correspondentes-UEM/Maringá, 2009. E-mail: sheron_sks@hotmail.com

Keywords: *The mass of shadows*; supernatural; fantastic literature.

INTRODUÇÃO

O narrador em primeira pessoa inicia o conto com um enredo marcado por acontecimentos misteriosos contados por um sacristão, filho de um coveiro, ao próprio narrador. É este sacristão quem conta a história que apresenta elementos sobrenaturais que cabem ao leitor decifrar. Ele se refere às almas das pessoas com bastante familiaridade e compassividade, não as diferenciando daqueles que ainda estão vivos, pois entende que todos têm seus interesses pessoais e precisam agir de acordo com eles. É o que se passa na história que ele ouviu, como o mesmo disse, umas cem vezes de seu falecido pai, o coveiro. Se há, aqui, hesitação quanto à veracidade dos fatos por parte do receptor ficcional, essa também cabe ao receptor real, o que indicaria a primeira condição para o fantástico, como observa Tzvetan Todorov em sua obra *Introdução à Literatura Fantástica*, originalmente publicada em 1970 e aqui estudada sob a tradução de Maria Clara Correa Castello (ed. Perspectiva, 1975). Todorov (1975, p. 19) observa: “A vacilação do leitor é pois a primeira condição do fantástico”. O fantástico, portanto, se alimenta dessa incerteza, dessa hesitação perante um acontecimento extraordinário, de acordo com o autor. Porém, ele também reconhece tal condição como uma regra passível de exceções, e explica que “a maioria das obras fantásticas se submetem a ela” TODOROV (1975, p. 19). Para ele, caso o sobrenatural mostre na narrativa uma explicação racional, trata-se de algo “estranho” e, se o sobrenatural é aceito sem questionamentos, adentra-se o terreno do “maravilhoso”, de forma que um gênero se defina sempre em relação aos gêneros que lhe avizinham. Ao estudar as observações do autor, Rodrigues aponta que:

Aparentemente, essa explicação seria satisfatória porque ela nos oferece um meio prático de reconhecimento do fantástico, mas é algo limitadora. [...] Mas essa restrição não implica que a obra do autor russo não tenha dado uma contribuição fundamental para a compreensão do fantástico (RODRIGUES, 1988, p. 29).

O sacristão narra então a história de Catherine Fontaine, que é permeada por mistérios ligados a um antigo amor, já falecido e, o que nos intriga, sobretudo, é o simbolismo representado pelo objeto que ela leva consigo, o que é revelado mais tarde. Tendo como base teórica condutora os estudos de Selma Calasans Rodrigues em seu livro *O*

fantástico (1988), poderemos identificar aqui, de forma mais clara, elementos sobrenaturais presentes no conto, além de elucidar a alegoria do anel, expondo significados ocultos por trás desse objeto. *A missa das sombras*, conto de nome original *La messe des ombres*, foi publicado pela primeira vez em 1892 numa coletânea de contos chamada *L'étui de nacre* (Caixinha [estojo] de madrepérola) pela editora Calmann-Lévy, de Paris e é analisado neste trabalho, a partir de sua leitura na coletânea *Os melhores contos fantásticos (2006)*, organizada por Flávio Moreira da Costa. O estudo aqui desenvolvido, tem caráter analítico, descritivo e bibliográfico, pretendendo, portanto, informar, descrever, classificar e interpretar fatos relevantes para seu foco.

O SOBRENATURAL

Temos aqui a história dentro da história, ou ainda, uma narrativa dentro de outra narrativa, onde um sacristão, filho de um falecido coveiro, conta a um receptor ficcional, o próprio narrador, entre goles de um vinho velho, algo que ouviu várias vezes de seu pai. Rodrigues (1988, p. 44) observa que “a maior parte das narrativas fantásticas dos séculos XVIII e XIX tem um narrador-personagem, um eu que dirige o enunciado, como testemunho”. Ceserani (2006, p. 69) complementa essa observação ao afirmar que “é frequente no fantástico a utilização daqueles procedimentos narrativos da enunciação, em particular a narração em primeira pessoa, mas também a constante presença, no conto, de destinatários explícitos, como companheiros trocando cartas [...]”. A narração de uma história dentro de outra história ao sabor de bebidas alcoólicas, seria, assim, típica de contos que desafiam a imaginação, suscitando questionamentos e uma mistura de sensações que precedem o desconhecido.

O sacristão conta, então, ao narrador do primeiro conto, a história que seu pai, que conhecia muito bem a protagonista do segundo conto, lhe contara. O fato de o coveiro conhecê-la muito bem confere um tom de veracidade aos fatos. Aquele que narra ao narrador, mostra-se um amante dos prazeres da vida, algo perceptível pelo raro vinho que bebe em companhia do amigo. Talvez ele seja, por esse motivo, profundo conhecedor das mazelas da alma humana até mesmo após a morte e manifesta isso num tom descontraído, ainda no dia em que falece seu pai. Ele conta a história de Catherine Fontaine, a qual revela, inicialmente, um anel com duas mãozinhas unidas usado pela protagonista, símbolo do amor

que esta guarda por seu falecido noivo, o cavaleiro de Aumont-Cléry. O anel é o elemento-chave do conto e incita curiosidade e suposições por parte do leitor.

O sacristão começa contando que Catherine, uma rendeira já idosa, levava uma vida pacata e santa e era frequentadora assídua das missas das seis horas na Santa Eulália. Tudo normal até então. O fato intrigante se dá na noite em que, compelida pelo hábito de ir às missas diariamente, ela ouve o soar dos sinos da igreja, o que a impele a sair de sua cama no meio de uma noite de verão e seguir rumo ao seu compromisso religioso diário. Ela parece não perceber, no entanto, que ainda estava escuro e não havia nenhuma claridade no céu negro, além de não temer a atmosfera misteriosa e desencorajadora para sair sozinha: “E havia um tal silêncio nessas trevas que nem um cachorro que fosse latia ao longe, e a gente se sentia separado de qualquer criatura viva” (France apud Costa, 2006, p. 494). É na escuridão que o desconhecido se revela. Apesar disso, a protagonista não vê dificuldades para caminhar sozinha sob tal circunstância, pois sabe exatamente onde pisa e aonde vai. Unindo a total escuridão da noite à ausência de qualquer ser vivo naquele lugar, já percebemos, aqui, um ambiente misterioso e propício ao advento de fatos desconhecidos, ou ao menos não naturais no mundo físico:

A ambientação preferida pelo fantástico é aquela que remete ao mundo noturno [...]. A contraposição entre o claro e o escuro, sol e escuridão noturna é bastante utilizada no fantástico. É até muito fácil carregar de significados alegóricos esse tipo de preferência e falar de contraposição entre iluminismo e obscurantismo (CESERANI, 2006, p. 77-78).

O conto nos mostra que Catherine conhecia cada uma das pedras onde “botava o pé” e que poderia ir à igreja de olhos fechados, chegando sem dificuldade à esquina da rua das Freiras com a rua da Paróquia, onde se erguia a casa de madeira que tinha uma árvore de Jessé esculpida sobre uma trave. Tal escultura, sendo representação da árvore genealógica de Jesus, de acordo com o Antigo Testamento na Bíblia, faz referência também ao ambiente sagrado frequentado por ela e ao qual se dirige, de onde advirão revelações de ordem espiritual, que fogem do que é comum ao mundo físico, material. Vê-se uma riqueza de detalhes sobre o lugar, o que nos mostra o quanto ela conhecia o caminho de sua casa até a igreja e, portanto, o quanto dava importância à religião, às coisas espirituais. Estaria Catherine em estado hipnótico ou de sonambulismo, a ponto de não perceber que ainda estava escuro, já que as missas ocorriam sempre às seis horas, quando havia claridade do sol? Há, por certo, algo inusitado nisso.

Ao chegar, enfim, à igreja, ela encontra suas portas abertas e grande claridade de círios... As velas fazem alusão às almas, que buscam luz e estão ali com este propósito. Percebemos novamente algo estranho quando Catherine encontra na missa pessoas que não reconhece e que usam vestimentas de uma época remota, que coincide com o tempo em que era jovem. Apesar de tal estranheza, ela entra, se ajoelha e se põe a orar, sem deixar, no entanto, de observar o ambiente ao seu redor, onde todos movem os lábios, porém não se ouve som algum sair de suas bocas, não se ouve o som dos passos, nem de nada... o silêncio impera ali. É um fato intrigante, que lhe causa hesitação, já que, apesar das conversas, não se ouvem vozes e apesar da movimentação, não há qualquer outro som naquele ambiente.

Nesse clima onde o misterioso se intensifica, ela percebe que está sendo observada e reconhece, ao seu lado, o jovem cavaleiro de Aumont-Cléry, seu noivo falecido há 45 anos. Sim, um morto retorna ao mundo dos vivos para encontrar Catherine, seu antigo amor e para lhe trazer uma mensagem. A partir desse momento, tudo fica esclarecido para Catherine e ela começa a dialogar com o amado falecido, a quem se entregara por amor há décadas e, apesar de reconhecer o erro dessa entrega, não se arrepende de tê-lo feito:

— Meu senhor, que foi meu amigo e a quem dei outrora o que uma moça tem de mais precioso. Deus o tenha em Sua graça! Possa Ele me inspirar enfim o remorso pelo pecado que cometi com o senhor; pois a verdade é que, de cabelos brancos e perto da morte, não me arrependo ainda de tê-lo amado. (FRANCE apud COSTA, 2006, p. 495).

Satisfeito em vê-la novamente, ele então lhe explica o motivo daquela missa, um evento aparentemente estranho, porém necessário ao reencontro de almas enamoradas que ofenderam a Deus “pecando”, como eles, por amor às criaturas. Estas, não seriam, porém, afastadas de Deus por causa de seus atos, pois seu “pecado” fora sem malícia e permeado por sentimentos puros. Segundo o jovem cavaleiro, com a permissão de Deus e por intercessão de um anjo do céu, as almas enamoradas assistem à missa de mãos dadas, lembrando o emblema representado no anel de Catherine, símbolo de um amor permanente. E lhe esclarece o motivo de aquelas almas estarem ali, assim como eles:

“Enquanto, separados do que amavam sobre a terra, se purificam no fogo lustral do purgatório, sofrem as dores da ausência, e esse sofrimento é para eles o mais cruel. São tão infelizes que um anjo do céu se apiedou de sua aflição amorosa. Com a permissão de Deus, reúne todo ano, durante uma hora noturna, os enamorados na sua igreja paroquial, onde lhes é permitido assistir à missa das almas segurando as mãos. Essa é a verdade. Se me é dado vê-la aqui antes da sua morte. Catherine, é uma coisa que só acontece com a permissão de Deus.” (FRANCE apud COSTA, 2006, p. 496).

Ao observar que o referido conto traz um tema antropocêntrico com a volta dos mortos ao mundo dos vivos em busca de seus interesses, é importante lembrar que na literatura fantástica escrita no século XIX, o sobrenatural é de natureza humana, não teológica. France se refere, nesse conto, ao amor e ao desejo carnal que, praticado antes do casamento, era visto como pecado por conta dos preceitos da sociedade de seu tempo. Assim, ao escrevê-lo em fins do século XIX, provavelmente retratava a França daquele século ou do anterior, quando o conservadorismo da sociedade e da Igreja Católica não aprovava a relação sexual sem que se consumasse o matrimônio. Considerando France um historiador pelas características de suas obras, Braudel (2002, p. 39) observa que “toda a sua obra mergulha na história” e “uma predileção secreta conservou-o mais tempo parado no século XVIII, que parece ter sido sua época preferida”, o que também nos faz crer que as duas narrativas do conto se situam nesse século, sendo que há um curtíssimo espaço de tempo entre a primeira e a segunda. Braudel (2002, p. 36) complementa que “enquanto esse amador dos tempos idos caminha na solidão, seguro de si o século XIX ergue em volta dele estátuas da ciência [...]. Anatole France não é um devoto da religião científica; falta-lhe a fé”. Percebemos ainda, nesse cenário da igreja e no diálogo das personagens, elementos religiosos cristãos aliados ao contato com o mundo dos mortos, compondo uma aura sobrenatural, pertencente a uma realidade atípica para as coisas terrenas. Aos poucos a narrativa se desenrola num mundo irreal, evidenciado por situações extraordinárias mescladas à religiosidade daquele tempo.

Há uma passagem em que a mulher parece desejar voltar no tempo ou até adentrar o mundo daquelas almas, ao qual agora pertence seu antigo amor: “Eu gostaria de morrer para voltar a ser bela como nos dias, meu falecido senhor, em que lhe dava de beber na floresta (France apud Costa, 2006, p. 496)”. Essa frase soa como um pedido, já que Catherine estava enfim consciente de tudo o que acontecia ali e demonstrava o desejo até então contido de reviver esse amor na eternidade. Percebe-se que ambos sentiam um amor tão intenso e verdadeiro, que resistiu a décadas e transpassou a própria morte, ressurgindo além da vida. Além disso, Catherine parecia estar tão próxima da espiritualidade que talvez estivesse pressentindo que sua vida logo chegaria ao fim. Talvez por causa de sua fé inabalável ou por acreditar ardentemente que aquele reencontro aconteceria. Esse seria mais um bom motivo para continuar guardando o anel... Seu amado também parecia ter o pressentimento de que estava muito perto de encontrar sua amada no além, como

percebemos em sua fala: “Se me é dado vê-la aqui antes da sua morte. Catherine, é uma coisa que só acontece com a permissão de Deus” (FRANCE apud COSTA, 2006, p. 496).

Ainda não se ouvia som algum durante a missa das almas, mesmo no momento em que o cônego recolhia as ofertas dos presentes, pois as moedas caíam silenciosamente sobre a sua bandeja de cobre. Catherine não levava nada para ofertar, possuía apenas o anel de ouro com o símbolo de duas mãos unidas, presente dado pelo cavaleiro na véspera de sua morte. Ela o entregou ao sacerdote sem hesitar e, no momento em que o jogou sobre a bandeja de cobre, soou uma pesada batida de sino, reverberando concomitantemente com o desaparecimento de todos que ali estavam e apagando todas as velas, e Catherine permaneceu sozinha nas trevas.

O anel marca um momento de verossimilhança interna, que ocorre quando a protagonista, já tendo assimilado a realidade à sua volta, se vê novamente surpreendida, dessa vez pelo efeito causado pelo anel ao cair sobre a bandeja de cobre. A entrega do anel pode representar o selamento de uma espécie de pacto, no qual, em troca do objeto cedido, ela recebe algo que almeja. Rodrigues (1988) cita o *Manuscrito encontrado em Saragossa*, de Jan Potocki, que tornaria coexistentes duas concepções intelectuais opostas: “o reconhecimento do sobrenatural comandando a natureza e o reconhecimento das leis naturais que excluem as do sobrenatural”. A simultaneidade dessas duas coisas configuraria então o fantástico, que mantém sua autonomia sobre a razão, ou seja, a lucidez, e o sobrenatural, que excede seus limites. De fato, “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1975, p. 16).

Rodrigues (1988) se refere às diferentes ideias acerca dos fenômenos empíricos no século XVIII, sobre os quais a razão oferecia explicações seguras. Em contrapartida, nem sempre a razão ou até mesmo a ciência poderiam oferecer explicações exatas, o que abriria espaço para o imaginário popular, amparado numa cultura onde há o Diabo, o esoterismo e a necromancia, sendo a literatura uma forma adequada de expressar tais formas de pensamento. Ela ainda lembra que:

[...] o pacto diabólico que existia desde a Idade Média (ou antes, com outra denominação) passa do estatuto de crença ao de símbolo literário; torna-se expressão codificada do Mal. A ficção usa da inverossimilhança (identificada no sobrenatural), mas se refere à verossimilhança na sua indagação constante do artifício usado pela narrativa, artifício esse inquietante (RODRIGUES, 1988, p. 32).

O pacto diabólico a que a autora se refere, configuraria a prática de atos contrários aos ideais cristãos, muitas vezes ligados a bruxaria ou feitiçaria durante longo período da Idade Média e da Idade Moderna. O referido pacto poderia ser representado por um ato sexual proibido, já que práticas contrárias aos ideais cristãos seriam ligadas ao Diabo, a própria representação do mal. O conto aqui estudado, evidencia uma relação sexual entre duas pessoas que não contraíram matrimônio entre si, o que, na época em que se passaram os fatos narrados, era algo reprovável pela Igreja Católica, ainda tão influente naquela sociedade. Isso pode ser percebido nos diálogos reveladores entre Catherine e seu amado durante o encontro na igreja. A interpretação dessa relação no conto, seria, portanto, metaforização de uma herança cultural que transpassara longos séculos, em que os amantes também selariam um pacto, porém não necessariamente do mal, e sim o oposto do pacto diabólico de outros tempos. Seria algo claramente “do bem”, pois asseguraria amor verdadeiro por parte de ambos. Há ainda o fato de Catherine entregar algo que lhe era tão caro, o anel, em troca da realização de seu desejo, que, coincidentemente ou não, se concretizaria em seguida. Poderia ser esta também uma forma de firmar um acordo com Deus e entidades benevolentes, todavia com a justificativa de se alcançar algo bom, que não traria reprovação de ninguém, mas apenas a possibilidade de reviver um amor jamais esquecido desde a tenra idade. Seria esse um acordo possível, já que com a permissão de Deus e por intercessão de um anjo do céu, como afirmara o cavaleiro, ocorrera aquele encontro, assim como de outras almas ligadas entre si por sentimentos de profundo afeto. Temos aqui, portanto, ações pactuais ligadas ao amor e à cristandade, desmistificando antigas crenças sobre os acordos, outrora ligados a fins malignos. Soma-se a isso, ainda, o fato mencionado inicialmente pelo sacristão, ao narrar sua história, de que, além de ser uma mulher de vida pacata e santa, Catherine está sempre envolta e ligada a elementos que fazem referência ao cristianismo ou à sua religião cristã, o catolicismo, reafirmando a pureza das intenções de seus atos.

Num determinado momento, o sacristão interrompe o relato e diz julgá-lo verdadeiro, pois é profundo conhecedor dos costumes dos defuntos, que sempre tendem a voltar para seus amores, assim como os avarentos assombram os locais onde estão guardados seus respectivos tesouros, além daqueles ciumentos, que voltam para cuidar de suas viúvas mais do que cuidavam em vida. E arremata sua história com uma passagem no mínimo curiosa, de modo a comprovar todos esses acontecimentos: Catherine Fontaine foi encontrada morta em seu quarto na manhã seguinte à missa das almas e, misteriosamente, o guarda suíço de

Santa Eulália achou na travessa de cobre que servia às coletas, um anel de ouro com duas mãozinhas unidas. Seria isso uma evidência da compaixão de Deus aos pecadores e aflitos que o buscam, já que Catherine desejara morrer ? Talvez...

O anel que outrora fora ofertado ao cônego na missa das almas, num ambiente que mescla o irreal ao real, agora, por qualquer causalidade mágica, permanecia na travessa de cobre no plano físico. Parece, ainda, que o pedido de Catherine foi atendido, aliás, ela desejava morrer para recuperar a beleza da juventude e, certamente, unir-se novamente a seu amado. O fato de continuar usando o anel mesmo após a morte do noivo, é prova irrefutável de que ela ainda guardava amor em seu coração e a esperança de reencontrá-lo, e, portanto, merecia ser recompensada. O objeto, em seu formato circular, parece ainda ter o poder de encerrar e iniciar ciclos, pois é a prova materializada de um amor interrompido pela morte e também reiniciado por ela. A ficção se utiliza da inverossimilhança reconhecida no sobrenatural, porém concerne à verossimilhança na sua indagação constante do artifício usado pela narrativa, artifício esse inquietante, o que podemos identificar quando o anel é encontrado no dia seguinte na mesma bandeja de cobre pelo guarda de Santa Eulália e Catherine é encontrada morta após o evento sobrenatural.

Rodrigues (1988, p. 34), afirma que “no sonho, temos a liberdade de franquear tempo e espaço e realizar as fantasias menos cotidianas”. Poderíamos então nos indagar se tudo isso teria sido um sonho que Catherine contou a alguém antes de morrer, já que não aparecem testemunhas no relato do sacristão. Ou estaria Catherine sendo observada o tempo todo por alguém que levaria tal história adiante? Afinal, era uma senhora muito respeitada e conhecida na cidade onde morava, inclusive pelo pai do sacristão, o coveiro. Este, por conhecê-la desde criança, talvez também a tivesse visto naquele dia, já que ela estava tão próxima da morte... Poderia ele antever o que estava por vir? Não se sabe... Todos esses acontecimentos e cenários de caráter místico vêm para corroborar a expectativa do inexplicável, do inverossímil, próprios dos contos de cunho sobrenatural.

A caminhada da protagonista até a igreja em plena escuridão, algo claramente fora de seus hábitos, dá início então a uma sucessão de acontecimentos extraordinários que são inseridos no mundo real. Há ainda a necromancia, caracterizada pela comunicação com o antigo amor, já falecido e a presença do anel entre os elementos etéreos e em seguida no mundo real. Há uma sucessão de circunstâncias que fogem do que é comum à realidade do mundo físico, palpável e materialmente percebido. Filipe Furtado (1980), se utiliza do termo

metaempírico para designar acontecimentos que se adequam a esse universo, explicando assim seu ponto de vista:

[...] o conjunto de manifestações assim designadas inclui não apenas qualquer tipo de fenômenos ditos sobrenaturais [...] mas também todos os que, seguindo embora os princípios ordenadores do mundo real, inexplicáveis e alheios a ele apenas devido a erros de percepção ou desconhecimento desses princípios por parte de quem porventura os testemunhe (FURTADO, 1980, p. 20).

É cognoscível que há na narrativa um universo de oposição entre o plano real e o irreal, a vida e a morte e uma realidade conectada a elementos sobrenaturais, onde o *flashback* é utilizado tanto pelo narrador do conto quanto por quem narra a história dentro da história.

Ao final, o sacristão afirma que não é homem de contar histórias das quais se ria e sugere que peçam, ele e o narrador, uma outra garrafa de vinho. Voltamos então à situação inicial, em que, entre goles de vinho, cria-se a expectativa pelo mistério, seguido de alguma história possivelmente capaz de desencadear sensação de dúvida e estranhamento através da ruptura realidade-ficção.

CONCLUSÃO

A missa das sombras, cujo título alternativo é *A missa das almas*, é uma história de fantasmas que foge do comum, pois não desperta medo ou tensão, mas nos leva a refletir sobre a efemeridade da vida e de todas as coisas do mundo. Sendo uma notoriedade da literatura francesa de sua época e comparado a Rabelais e Voltaire, Jacques Anatole François Thibault, de pseudônimo Anatole France, através de elementos fantásticos, se refere nesse conto, ao poder do amor, mesmo diante de possíveis impedimentos morais que venham a extrapolar barreiras físicas e atingir o mundo etéreo. O conto concerne também aos ideais religiosos e de integridade moral da época dos acontecimentos, mostrando que, apesar de seu “pecado”, o casal da segunda narrativa preserva consigo um sentimento puro e sincero de amor. O cavaleiro de Aumont-Cléry e Catherine mantinham ainda uma forte ligação entre si e, prova disso, é que ela continuava a usar o anel que ele lhe dera antes de partir para o mundo das almas. O mágico surge então como que um encantamento em sua vida, oferecendo-lhe a chance de continuar a viver esse romance na eternidade. A perturbação inicial torna-se a realização de um desejo por meio de acontecimentos aparentemente

inexplicáveis. É o que ocorre nessa pequena trama, onde anseios, sentimentos e angústias da alma humana são expostos num cenário marcado pela escuridão e pela ruptura entre a realidade e a ficção, causando hesitação. O autor retrata, aqui, o homem como um ser dotado de imperfeições, porém engajado em mostrar-se digno de bons conceitos, externando contradições e fraquezas de caráter típicas do ser humano.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, F. *Anatole France e a história*. Revista de História, [S. l.], n. 146, p. 35-45, 2002.

DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i146p35-45.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18931>.

Acesso em: 23 jan. 2023.

CESERANI, R. *O fantástico*. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

FRANCE, A. A missa das almas. In: COSTA, F. R. (org.). *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 493-499.

FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

RODRIGUES, S. C. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Recebido em 14 de novembro de 2022.

Aprovado em 17 de abril de 2023.

